

As festas de S. João e as mouras encantadas

Quem nunca transpoz as portas d'uma grande cidade, onde centenas de ficticios agrados a todo o passo se insinuam com indizivel atractivo; quem nunca libertou o seu timido olhar do estreitado horizonte da vida fantastica das sociedades dos saraus e dos desdens; quem nos seios da opulencia e da verdade não sentiu desabrochar no peito as rosas da primavera com seus perfumes e frescura, não sabe, nem chega mesmo a imaginar, que ha uma outra existencia, singela como um sonho de virgem, alectuosa como os primeiros enlevos da infancia, e lèda e resplendente como os albores d'umia aurora de maio, que arrebatava os sentidos, embriaga o corpo e captiva a alma com a mais doce e irresistivel sedução; não sabe, nem imagina, que longe dos tectos doirados, dos brilhos do salão, dos jardins artificiaes, e dos theatros, onde a mesma sociedade vae ver-se reproduzida com seus vicios e virtudes, ha muito mais que ver, mais que admirar, mais que amar; não sabe, nem imagina que uma existencia que lhe é desconhecida, toda esperanza e ventura, toda presente e porvir, somente pode entregar-se nos antros da natureza campestre, onde viceja a açucena no prado, o lirio na campina, a murta junto ao ribeiro, a esbelta lorangeira no vergel e na terra agricultada pela industria do homem que vive nos braços da natureza, o homem que todos os dias adora a graça divina á luz dos primeiros raios do sol, a candida amendoeira—princeza dos campos, e mensageira da estação das flores—que, balejada pela brisa matutina, sorri lèda e gen-

Datam ali estas festas de tempos imemoriaes. Da sua primitiva origem nada se sabe ao certo.

Sabe-se comtudo que no concilio de Agda, anno 506, composto dos bispos das Galias e da Hispanha, já se falou das estevidades de S. João Baptista; e assim podemos crer, que na peninsula hispanica não eram elas menos antigas, do que entre os povos gentilicos da Atrica, e do que na Italia, tanto pagã, como catolica.

O kalendario de Carthago, que se julga formulado nos fins do V. seculo, denuncia já estas festas. S. Bernardo diz que não menos do que pelos christãos era a natividade de S. João celebrada pelos infieis do Levante, e com superioridade a todos os outros idolatras pelos mahometanos. Os gregos e latinos não sómente memoravam a vigilia do santo, como o dia (22 de junho) da sua annunciação no templo a Zacharias. Finalmente, acrescenta Santo Agostinho que as festas de S. João eram tão antigas, que os fieis as receberam por tradição dos mais antigos povos.

A crença das moiras encantadas é de todas a mais predominante. Esta crença teria, bem pode ser, sua origem ao começar a segunda metade do XIII seculo logo depois da conquista geral do Algarve feita pelo quinto monarcha portuguez epoca a que alguns nossos cronistas attribuem certas miraculosas visões, epoca em que a escola provençal começava a dar uma teição especial á nossa poesia, e é muito de crêr que os poetas que no tempo de D. Fernando cultivavam a escola narrativa do gosto

24/6/923

na á luz dos primeiros raios do sol, a candida amendoeira—princeza dos campos, e mensageira da estação das flores—que, balejada pela brisa matutina, sorri lèda e gentil ao enamorado viandante que a admira e ás aves do ceu que a saudam com seu requebrados gorgeios, perfumando as primeiras manhãs do florido abril com o suavissimo aroma das suas grinaldas.

Já vivi eu essa vida de encantos e de enlevos, vida toda amor e prazer, toda esperança e ventura, que muito não durou ela, por que é da natureza da felicidade humana o não contar jamás alongada duração; mas conheço-a, porque a gosei com o peito dominado dos mais belos sentimentos, e recordo-a com doce magoa porque para que d'ela nunca me esquecesse, soube eu guardar no coração uma saudade. E' pois a voz de tal saudade quem hoje fala, e esta sei que reverdeceu com mais alento agora, porque no seio seu pôde receber o doce orvalho desta noite sadada, d'esta noite de queridas ilusões, de riquissimas crenças populares, noite toda de amor e toda para amor, noite abençoada e bela, noite em que as proprias estrelas parecem enamorar-se tanto, como na terra as almas para o sentimento nascidas!

Lembram-me hoje os folguedos da minha terra, as crenças d'aquello povo sincero, d'aqueles espiritos tão dados ainda ás maravilhosas tradições poeticas de outras eras que já lá vão, mas que vivem na sua memoria como um rico e innocente culto de ingenua veneração que a mão do tempo no decorrer de seculos sobre seculos não tem podido apagar, nem mesmo esvaecer.

De todas as festas populares do Algarve as da vigilia e dia de S. João constituem as mais geraes e as mais folgadas, não já tanto ao presente nas suas quatro cidades e doze vilas, como nas suas numerosas aldeias e outros povoados intermedios,

nas viscosas, época em que a escola provençal começava a dar uma teição especial á nossa poesia, e é muito de crêr que os poetas que no tempo de D. Fernando cultivavam a escola narrativa do gosto normando, colhessem muitos d'estes fantasticos assuntos para os seus poemas, a que o genero germanico desde D. Alonso V até D. João II imprimiu novo character, fazendo-os mais liricos do que epicos.

«A moura encantada» que em seguida apresento, rapsodia que ha cinco anos encontrei no Algarve, quando ali fui pela primeira vez com o empenho de recolher e coordenar a poesia popular de toda aquella provincia, não pertence porém, ao meu ver, nem á escola provençal, nem á normanda; e pondo ainda de parté a normando bysantina do tempo de Gil Vicente e Bernadim Ribeiro, a italiana a que pertencem muitos trovadores do Cancioneiro de Garcia de Resende, e a escola classica nascida d'esta ultima, inaugurada por Antonio Ferriira e popularizada por Luiz de Camões, colocarei antes este romance do Algarve nos fins do XVI, ou no principio do XVII seculo, quando o genero moirisco começou de novo a reverdecer, sustentado por D. Francisco de Melo e por Francisco Rodrigues Lobo: quando enfim o nosso malaventurado Portugal gemia quasi escravo, debaixo do intruzo e odioso dominio de Castela.

Eu penso que este romance é alusivo a uma muito antiga e arreigada crença de que na cidadela moirisca da cidade de Tavira reedificada em 1331 por el-rei D. Diniz, da meia noite da vespera para a madrugada do dia de S. João, apparece sobre o terrado da muralha uma formosa e gentil moira requestando de amores um cavaleiro que possa quebrar-lhe o seu encanto; e esta posso dizer que é uma das tradições algarvias que mais conheço de perto pois que dela ouvi sempre falar desde os meus primeiros anos até o de

1845, em que muito saudosamente me a-sentei da minha querida provincia.

Estis aqui pois:

A Moira Encantada

Meia noite além resoa
Cêrca das ribas del mar;
Meia noite já é dada
E o povo anda a folgar
Em meio de tal folguedo
Todos quedam sem falar,
Olhos voltam ao castelo
Para ver, para avistar
A linda moira encantada,
Que era triste, a suspirar.

Quem se atreve, ai quem se atreve
Ir ao castelo e trepar
Para vencer o encanto
Que tanto sabe encantar?
Ninguém ha que a tal se atreva
Não ha que em moiras fiar;
Quem lá fosse a taes desoras
Para só desencantar
Grande risco assim correrá
De não mais de lá voltar

—Ai que linda formosura,
Quem a pudera salvar!
O alvor dos seus vestidos
Tem mais brilho que o luar!
Dôces, tão dôces suspiros
Onde ouvi-les suspirar?

Assim um bom cavaleiro
Só se estava a delatar,
Em amor lhe ardia o peito,
Em desejos seu olhar.
Tres horas eram passadas
Neste continuo anciar.
Cavaleiro de armas brancas
Nunca soube arreceiar.
Invoca a linda mourinha
Mas não ouve o seu falar;
Nada importa a D. Ramiro
Mais que a moira conquistar,
Vae subir por muro acima,
Sente os pés a resvalar!
Ai que era passada a hora
De a poder desencantar!

Já lá vinha a estrela d'alva
Com seus brilhos a raiar
No mais alto do castelo
Já mal se vira alvejar
A fina e branca roupagem
Da linda filha de Agar.
Ao romper do claro dia
Para bem mais se pasmar,
Sobre o castelo uma nuvem
Era apenas a pairar.
Jurava o povo, jurava,
E teimava em afirmar,
Que dentro daquela nuvem
Vira a donzelinha entrar,
Don Ramiro d'enraivado
De não poder-lhe chegar,
Dali parte e contra os moiros
Grande briga vai armar.
Por fim ganha um bom castelo,
Mas... sem moira para amar!

ESTACIO DA VEIGA.

O CASO

O bel e

Dissem
merc, em
jocosidad
que um
Tavira q
tregue no
ra ás mã
mente a
guado q
culpabili
neiro, q
mente.

O tel
nossa cas
que o re
do de
fêl-o no
samente
ção de q
o tinha r
o nosso p
convicçã
que escr
riguação.

Tão e
ser em a
o prejuí
outrem q
de direc
e em c
escrever
meira v
uma acu
fundada
mentada
boletinei
tualment
tando-se
ciente,
sermos
nos surp
aconteci
mos ago
sado é o
Ferreira
como um
ligentes

Estas
plicações
mente p
mente as
director
e ao f
acusado,
teirament
tendermo
navel obr

Como, p
quieta q
gem d'es
plorar, so
tambem
que não
contempl
ma para
as nossas
sabilidade
quem pe
que var

Correio do Sul, 24/6/1923